

Povos indígenas e o desenvolvimento

Apresentação do *dossier*

Josemar de Campos Maciel¹

Levi Marques Pereira²

Yan Leite Chaparro³

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.vi44.743>

Na literatura científica estão aparecendo autores e autoras que representam populações tradicionais, indígenas ou da diáspora afro-brasileira, bem como representantes de minorias, que desafiam as concepções ocidentais de progresso, evolução e, sobretudo, de desenvolvimento, essa palavra gasta e de significado cada vez mais questionado, uma *Buzzword* (RIST, 2007), posta em circulação a partir do mundo da propaganda geopolítica, e que até poucos anos era tomada como um ideal para todos os povos, em todos os cantos do planeta, de uma forma única. Na verdade, essa afirmação de que o desenvolvimento é o ponto férreo e inquestionável para o qual devem convergir todo o esforço de criação e todas as práticas da humanidade é um dogma, e é papel da boa ciência começar duvidando de dogmas (ARETZ, 1990), sobretudo daqueles cuja função é apenas propagandística, veiculada nos grandes conglomerados midiáticos, mas sem dados nem teorias racionais para fundamentá-los.

Nesse sentido, as populações indígenas, aliadas aos povos da afrodiáspora e às minorias, por suas movimentações e lutas de resistência, e cada vez mais com as vozes de seus e suas intelectuais, vêm de forma inovadora desafiando esse dogma da modernidade. Nem sempre o desenvolvimento é desejado por todos, nem sempre da mesma forma, nem sempre foi assim, e nem sempre todos os povos aspiram à luz elétrica, ao asfalto e ao vidro onipresente. Há variações, há histórias que ainda não se desenvolveram, de violentas imposições, e há alternativas, que

¹ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

² Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.

³ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

podem integrar-se ao modelo referido, do asfalto e vidro. É o que os trabalhos deste *dossier* querem colocar em circulação, registrando um movimento importante na ciência social brasileira. É um recorte, mais que um registro completo, nem representa todas as nuances ou todos os movimentos. Mas possui alguns pontos que podem contribuir com diversas discussões.

O primeiro ponto é a própria concepção de desenvolvimento, desafiada e deslocada a partir da prática de vida e das cosmologias indígenas, registrada no trabalho que abre o *dossier* (organizado por Josemar de Campos Maciel, Levi Marques Pereira e Yan Leite Chaparro). Na medida em que a academia se dispõe a uma escuta metódica e séria das vocalidades indígenas, o envolvimento toma conta da reflexão e propõe caminhos interessantes para encaminhar as discussões dos problemas atuais, como aceleração, perda de referências, diminuição de espécies e separação entre os humanos e seu ambiente.

Em seguida, Georg Grünberg e Volker von Bremen trazem uma homenagem ao nosso falecido colega Celso Aoki, trazendo um texto original do mesmo, editado por Paz Grünberg, como uma homenagem póstuma. O texto apresenta reflexões sobre a presença de Celso Aoki junto aos movimentos das populações guarani, de luta por sobrevivência e resistência frente à violência do Estado. É importante perceber, na experiência de longos anos deste importante antropólogo, a força da relação entre o problema da terra e a forma como as populações experimentam as imposições de um Estado em expansão, ao mesmo tempo em que, mesmo com poucos recursos e com pouco financiamento, tentam dialogar com ele.

A relação entre a sobrevivência em territórios de confinamento e a pujança de uma negociação a partir de valores, tradições e de um patrimônio espiritual próprio aparece como foco no próximo texto (Benites e Pereira). Os autores apontam aqui um esforço completo de ressignificação, em curso, ou seja, atual, inovador e tradicional ao mesmo tempo, frente aos desafios impostos por uma difícil gramática de encontro intercultural. Longe de se encolher, as autoridades intelectuais penetram na própria tradição, dela extraindo novos horizontes para sobreviver, mantendo a riqueza das suas palavras, rezas e cantos.

Em seguida, no trabalho de Joana A. Fernandes Silva, são trazidos mais dados e análises acerca das camadas estratégicas de pensamento que se ocultam por detrás de políticas econômicas que envolvem as populações kaiowá. As políticas

indigenistas, ou seja, a tentativa de situar essa importante população – nativa desde sempre – como sendo um problema, são apresentadas e submetidas a uma visão crítica, mostrando a proposta da “aculturação” e suas diversas dificuldades. O trabalho ainda apresenta traços de análise da política indigenista do governo atual, conectando o que ocorria no final da década de 1970 e início da década de 1980, com os intentos do atual governo em reeditar o projeto integracionista, em especial no esforço por ele realizado de inserção das terras indígenas na produção para o mercado.

O trabalho que segue, de Marco Antonio Valentim, traz a público uma leitura indígena do mundo ao redor, em uma reflexão sobre a natureza do valor no capitalismo, em relação à visão Yanomami apresentada pelo pajé Davi Kopenawa, em sua monumental obra *A Queda do Céu*, mostrando em linguagem que faz dialogar filosofia e economia, o modo como a reflexão indígena, sobretudo a “cataclismologia”, situa de forma lúcida a pressa e a agressividade de projetos de desenvolvimento a partir de referências fortes e que merecem atenção.

Na mesma perspectiva, de refletir a realidade de forma rigorosa, a partir de perspectivas indígenas, comparece o texto de Felipe Matos Johnson. Em um ensaio iluminador, ele mostra que a voz indígena irrompe na forma de uma mobilização intelectual que se traduz em ações concretas. Essa voz, presente a partir da retomada Aty Jovem, de uma comunidade Guarani Kaiowá, assenta-se na reivindicação do direito aos sistemas de vida baseados na experiência especial da territorialidade indígena. O movimento das retomadas apresenta-se como uma alternativa crítica a um modo de vida (*Karay Reko*) violento, que se tenta superar, na participação jovem e na busca de ressignificação da tradição para recuperar os territórios ancestrais indígenas.

Comunidades da diáspora afro-brasileira também comparecem neste *dossier*, com o estudo em que se documenta a forte presença delas (UTINÓI; ISQUERDO), e a sua relação com a formação da cultura brasileira, através de um exaustivo levantamento de estruturas de nomeação postas em circulação por elas, a partir da sua experiência e vínculos particulares. Uma reflexão importante, que deve ecoar tantas outras, para mostrar aos interessados a presença, atualidade e criatividade de comunidades e povos que tantas vezes são narradas por livros oficiais como se pertencessem ao passado.

Esse dispositivo, de posicionar populações nativas como se pertencessem a um passado sem desenvolvimento, ou como se não chegassem mesmo a qualificar-se como pertencentes a uma história, é trazido ao foco da discussão pelo próximo texto (GRÜNEWALD). A partir de material etnográfico sobre os Ayoreo, um povo do Paraguai atual, o autor questiona a pertinência da ideia de que bancos e instituições estranhas têm o poder e a legitimidade para pensar em nome de todos. Isso é posto em questão e desconstruído.

A importância da voz indígena em sentido próprio é trazida na entrevista de Dominique T. Galois (KLEIN; PEREIRA). Além de memórias importantes sobre toda uma vida científica pesquisando diversas populações indígenas brasileiras, a entrevista põe em xeque diversas questões de uma neutralidade epistemológica que, na prática, serve apenas para diminuir a importância de saberes e fazeres que destoam das concepções hegemônicas da vida, da ciência e do desenvolvimento. O texto realiza ainda importante reflexão sobre a presença da escola entre os povos indígenas, com destaque para as possibilidades de acesso e diálogo com os modos de produção dos saberes indígenas e o papel dos pesquisadores indígenas.

Um dos pontos fortes deste *dossier* é o questionamento de base acerca da relação entre os humanos e a natureza. Como guardião das palavras, Eliezer Martins Rodrigues oferece um texto em primeira pessoa, bem distante da neutralidade positivista, em que reafirma e concentra a nossa escuta na direção da pauta primordial para a qual devem convergir nossos esforços: não possuímos a natureza; é ela que nos possui. A aceitação deste fato deve ser o ponto de partida para a reconfiguração de todos – todos! – os debates acerca do desenvolvimento, ou para além dele. O que significa que precisamos assumir, em primeira pessoa, uma voz indígena.

Este *dossier*, em uma última palavra, é um documento do fato que é possível, para quem estuda, se interessa, ou é afetado pelas políticas de desenvolvimento, aprender com as populações ancestrais – indígenas sobretudo, mas também afro-diaspóricas e subalternizadas – a simplificar nossos ideais de vida e de subsistência num sentido mais comunitário, ou seja, mais referenciado pela força do “habitar”; e num sentido mais ecocêntrico, enraizado a partir do pertencer a um ambiente que nos antecede e sustenta, e que continuará alimentando nossos descendentes, quando nos formos. E que um desenvolvimento justo e adequado para todos os

povos envolvidos será possível apenas a partir de uma intensificação do envolvimento – o campo de prova, aqui, é a pergunta fundamental, se as nossas ações aumentam a bio, eco e etnodiversidade, ou diminuem. As comunidades ouvidas nos textos que compõem este *dossier* têm a resposta bem clara.

REFERÊNCIAS

ARETZ, Hans-Jürgen. *Zwischen kritik und dogma: der wissenschaftliche diskurs*. Wiesbaden: Deutscher Universitätsverlag, 1990.

RIST, Gilbert. Development as a buzzword. *Development in practice*, [s.l.], v. 17, n. 4, p. 485-91, 2007.

Sobre os autores:

Josemar de Campos Maciel: Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG). Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (UFMT) e em Teologia pela PUG de Roma. Atualmente é professor na UCDB em Mestrado em Desenvolvimento Local. E-mail: rf5033@ucdb.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-8277-9422>

Levi Marques Pereira: Pós-doutor em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Antropologia Social pela UNICAMP. Especialista em História da América Latina (UFMS). Graduado e licenciado em Ciências Sociais pela PUCAMP. Atualmente é professor associado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), onde leciona na Faculdade Intercultural Indígena (Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu) e participa dos programas de pós-graduação em Antropologia e História. E-mail: levimarquespereira2@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-8513-2613>

Yan Leite Chaparro: Doutorando em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Desenvolvimento Local pela UCDB. Especialista em Psicodrama pelo Instituto Gaya de Psicodrama. Graduado em Psicologia pela UCDB. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Críticos do Desenvolvimento/CNPq, do Laboratório de Humanidades/Labuh e do Grupo de Estudos Filosofia Ameríndias/OuVir. E-mail: yanchaparro@gmail.com, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0002-7058-2988>

